

NÃO EXISTE MACONHA SINTÉTICA!

Nas últimas semanas, a Sociedade Brasileira de Toxicologia (SBTox) tem observado o aumento no número de reportagens e entrevistas a respeito de casos de intoxicações relacionados com a “droga K” (também chamada de K2, K4, K9, Spice, entre outros.) e, não raro, esta droga está sendo identificada por veículos de imprensa como “maconha sintética”. Diante deste cenário, faz-se necessário alguns esclarecimentos técnicos importantes:

1. **Não existe maconha sintética!** A maconha é o nome popular atribuído à *Cannabis sativa*, uma planta que produz naturalmente princípios ativos chamados de fitocanabinoides, entre os mais conhecidos estão o Δ 9-THC e o CBD (canabidiol);
2. A “droga K” como é popularmente denominada, possui como princípios ativos substâncias químicas ou mistura de substâncias chamadas de **canabinoides sintéticos**, grupo de **drogas de origem sintética** que passou a ser utilizado em diversos países majoritariamente a partir do início da década passada;
3. Para mimetizar o hábito de fumar (forma mais comum de uso da maconha), os canabinoides sintéticos são comumente impregnados em plantas aromáticas que possam ser fumadas, mas que por si só não teriam atividade psicoativa. Assim, é correto afirmar que o material botânico é apenas um suporte que será pulverizado com o princípio ativo sintético, que é efetivamente o princípio ativo da droga;
4. É válido ressaltar que existem outras formas de apresentação da “droga K”, como impregnados em papéis, tiras orodispersíveis (“selos” denominados como “doce”), spray, borrifadores líquidos, entre outros;
5. O grupo dos canabinoides sintéticos é composto por centenas de substâncias químicas diferentes, o que significa que a composição da droga vendida nas ruas (a chamada “droga K”) pode ser extremamente variável e não uma composição única. Do ponto de vista químico, estas substâncias sintéticas não são estruturalmente semelhantes ao Δ 9-THC ou outros canabinoides naturais, portanto, apresentam manifestações tóxicas distintas aquelas apresentadas pela exposição aguda a maconha;
6. Estas substâncias são conhecidas por canabinoides sintéticos pois atuam nos mesmos receptores (estruturas moleculares presentes no organismo e que coordenam as funções celulares) que o Δ 9-THC, porém com uma afinidade muito maior do que este. Como consequência desta maior afinidade, os canabinoides sintéticos são dezenas ou até centenas de vezes mais potentes do que princípio ativo presente naturalmente na maconha, podendo provocar efeitos drasticamente mais intensos e perigosos para o usuário desta droga;
7. **Nenhuma droga faz alguém virar “zumbi”.** Em 2016, na cidade de Nova York (EUA), foi reportado um “surto de zumbis”, divulgado por diferentes meios por

se tratar de uma intoxicação em massa de 33 pessoas que utilizaram canabinoides sintéticos, o qual foi posteriormente identificado como sendo o princípio ativo AMB-FUBINACA. Os principais efeitos apresentados nos pacientes foram: extrema letargia com olhar vago, gemidos e movimentos mecânicos lentos dos braços e pernas, sintomas esses que culminaram em uma fisionomia semelhante ao de um “zumbi”. Contudo, após o diagnóstico laboratorial e tratamento médico adequado, os sintomas desapareceram e todos os pacientes se recuperaram. Essa associação é extremamente negativa e pode levar a uma visão distorcida e preconceituosa sobre as pessoas que usam drogas. É válido lembrar que pessoas que sofrem com essa condição de dependência devem ser tratadas com empatia e respeito. Rotulá-las como "zumbis" ou qualquer outro termo depreciativo só aumenta o estigma associado ao uso de drogas e pode impedir que elas procurem ajuda e tratamento.

8. Os efeitos tóxicos causados pelos canabinoides sintéticos incluem agitação, ansiedade, sonolência, taquicardia, hipertensão, náuseas e vômitos, bem como outras manifestações graves, como psicose, acidente vascular cerebral, convulsões, e complicações cardíacas (comumente observada em pacientes que procuram serviços de emergência após o uso deste tipo de droga).

Do exposto, pode-se afirmar que **o termo “maconha sintética” não é correto** do ponto de vista científico, e deve ser evitado pois pode trazer uma falsa impressão de segurança para a pessoa que faz uso de canabinoides sintéticos.

11 de maio de 2023.

José Roberto Santin

Diretor Presidente SBTTox

José Luiz da Costa

Coordenador Executivo do CIATox de Campinas / Unicamp

Silvia de O. S. Cazenave

Coordenadora do grupo técnico de trabalho em Toxicologista do CRF-SP

Rafael Lanaro

Diretor 1. Secretário SBTTox; CIATox de Campinas / Unicamp

Referências:

COSTA, J.L.; LANARO, R.; CAZENAVE, S.O.S. Drogas Sintéticas & Novas Substâncias Psicoativas. In: Fundamentos da Toxicologia. 5a. ed. São Paulo: Atheneu Editora; 2021.

ADAMS, A.J.; BANISTER, S.D.; IRIZARRY, L.; TRECKI, J.; SCHWARTZ, M.; GERONA, R. “Zombie” Outbreak Caused by the Synthetic Cannabinoid AMB-FUBINACA in New York. *N. Engl J Med.* 376;3. January 19, 2017.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *Recommended methods for the Identification and Analysis of Synthetic Cannabinoid Receptor Agonists in Seized Materials.* Vienna, 2020. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/scientific/STNAR48_Rev.1_ebook.pdf. Acessado em: maio de 2023.